

A Relação entre a Ontologia do Presente e a problematização da estética da existência como construção da liberdade na ética atual.

Rogério Luis da Rocha Seixas
Doutorando-PPGF-UFRJ/ Laboratório de Filosofia Contemporânea

Resumo: Neste texto discute-se a relação entre a Ontologia do Presente, como a interrogação com forte sentido crítico de “O que é a nossa atualidade?” e a sua análise genealógica da ética grega. Esta articulação apresenta uma questão importante: a filosofia é capaz de descobrir a possibilidade de uma estética da existência no sentido ético e político para construção contínua da liberdade do sujeito moderno?

Résumé: Dans cette article être discuté la relation entre une Ontologie du Présent, comme la interrogation avec vigoureux éprouvé critique du Que est notre actualité ? et sa examé généalogie de l’etique grec. Cette articulation faire voir une question considérable : l’philosophie et capacité du découvrir l’possibilité du une esthetique de l’existence dans le plaine éthique et politique pour construction continuel de la liberté du sujet récent ?

Palavras-chave: 1-estética da existência; 2- ontologia do presente; 3- Foucault, M.; 4- ética grega; 5- liberdade.

Mots-clef :1- esthétique de l’existence; 2- Ontologie du Présent; 3- Foucault, M.; 4- ethique grec ; 5- liberté.

A Ontologia do presente e a ética grega.

Para Michel Foucault, a atividade da crítica filosófica precisa se defrontar com a necessidade do diagnóstico de nossa atualidade ou em outros termos, traçar uma *ontologia do momento presente*, o diferenciando do que foi no passado. Isto nos leva a formulação das seguintes questões: o que nós somos atualmente? Pode-se então questionar qual seria a pertinência da presença da ética antiga para o nosso presente? Para esclarecimento inicial, não se trata de forma alguma de qualquer tipo de saudosismo. A abordagem do sentido de uma *estética da existência* no cuidado ético

entre os gregos, serve para ilustrar o sentido de *problematização*, tarefa de uma história do pensamento em oposição a uma mera história de comportamentos. Foucault então fez história do pensamento, não história de costumes, mas uma história das problematizações do prazer, do desejo e dos comportamentos sexuais, procurando compreender porque questões relacionadas ao sexo passaram a ser objeto de preocupação moral. Nessa discussão, Foucault apresentou a noção de estética da existência ou “arte de si”.

. Quando enfoca o mundo grego, Foucault pretende traçar o perfil de uma tradição de crítica filosófica que precisava se defrontar com a necessidade de um diagnóstico do seu momento presente. Significa dizer que uma ontologia do presente que problematiza a ética da Grécia clássica, não o faz com a intenção de indicar a noção de estética da existência naquele momento como um valor exemplar que deva ser seguido para nós. O nosso momento é outro. A partir desta genealogia ética clássica, empreende-se uma articulação com a ontologia histórica de nós mesmos, permitindo a Foucault compreender que entre as invenções culturais da humanidade, há aquelas que constituem ou ajudam a constituir um determinado ponto de vista útil, servindo como uma ferramenta para analisar o que está acontecendo agora e assim modificá-lo (Foucault, 1984, p.47-49). A partir deste exercício de compreensão e não de imitação surgem questões importantes como: o que nós somos atualmente? O que estamos fazendo de nós? Qual era o sentido da problematização suscitada pela necessidade de uma estética da existência no cuidado ético partindo do ponto de vista dos antigos?

O problema da invenção de si mesmo, isto é, fazer da sua vida uma obra arte é analisado por Michel Foucault no tema denominado de *estética da existência*. Temos a análise da constituição do si mesmo como um sujeito ético e por que não também político, onde são exercidas práticas de si sobre si mesmo para construção da

subjetividade enquanto obra de arte. Por certo que Foucault não quer oferecer um programa acabado, um desenho completo do problema, mas mostrar a possibilidade de orientar os esforços de pensamento e ação para a constituição daquilo que ele denomina *Estética da Existência* para o momento presente da modernidade: "Por toda uma série de razões, a idéia de uma moral como obediência a um código de regras está presentemente em um processo de desaparecimento, já desapareceu. E a essa ausência de moral responde, deve responder uma busca de uma estética da existência". (Foucault, 1994b: 732). Ao destacar a relevância da problematização de uma *estética da existência* na ética clássica, para o que Foucault denomina de uma *Ontologia do presente*, o seu objetivo é de tentar definir as condições que permitam ao indivíduo problematizar o que ele é e o mundo no qual vive inserido em seu presente.

O cuidar de Si como estética da existência na ética grega.

Na análise da problematização da ética sexual grega, proposta por Foucault, em *O uso dos prazeres*, percebe-se a existência de uma relação do homem *consigo mesmo*, não embasada nem na universalidade de um fundamento e nem em uma reflexão sistemática sobre o sujeito, como algo preexistente ou como um dado prévio à experiência e à ação. O indivíduo se constitui como sujeito ético por meio de uma atitude, auxiliado por técnicas para comandar a si mesmo (*auton heauton archein*), ser sábio e governar os seus prazeres e desejos próprios.

A ética grega possuía uma substância ética (*aphrodisia*) presente nos atos, gestos e contatos que proporcionam certa forma de prazer. Esta apresenta duas variáveis importantes: uma de cunho quantitativo na relação entre comedimento/excesso e continência/incontinência, além de polaridades entre a atividade/passividade com atores, papéis e funções diferentes (Foucault, 1994a, pp. 39-45). Estes fatores levam a questão

central: como obter o prazer sem que ao agir para obtê-lo, possa haver uma ação desmedida? Há então a necessidade de se elaborar as condições e moralidade de uma prática prudente. Segundo uma medida. Se preocupando em não cair nem no excesso e nem na passividade. Busca-se uma estética da existência para o uso dos prazeres que precisam ser experimentados com moderação, livre de qualquer sentido proibitivo do prazer. Uma estética da existência com o sentido de uma arte de buscar os prazeres baseados na necessidade (Foucault, 1994a, p. 54).

Tal fim parte da tentativa de aplicar técnicas para um domínio ou um saber governar a si mesmo, isto é, o *si* precisa exercer o controle da força desmedida dos prazeres para exercer sua liberdade. Ser escravo dos desejos indica a fraqueza moral do sujeito. Claro que o prazer não é eliminado, mas é preciso ter um tipo de poder sobre ele por meio de exercícios, de um saber sobre si, de um ocupar-se com si mesmo. Aqui está contida a principal preocupação da ética grega: o *cuidado de si*. Foucault cita o comentário que faz sobre esta noção de si no Alcibíades de Platão, onde encontramos a primeira elaboração da noção de *epimeleia heautou*, uma “preocupação de si” ou um “ocupar-se de si”. Para bem se ocupar de si, o indivíduo precisa “conhecer a si mesmo” (*gnôthi seautón*), denotando a necessidade de um autoconhecimento de si para ser um sujeito moral, atingindo a verdade. A temperança e a verdade são aliadas. Citando ainda o diálogo no *Primeiro Alcibíades*, Platão nos remete aos ensinamentos passados por Sócrates ao jovem Alcibíades para assim direcioná-lo a uma prática de si, como “um saber governar a si mesmo” isto é, saber cuidar de si mesmo como exercício que conduz preparação para governar os outros. Só pode governar a *polis* aquele que governa a si mesmo. Todo bom governante será também virtuoso. O jovem Alcibíades desejoso de se inserir na vida política de Atenas e exercer o governo da cidade, apenas pelo seu nome, posses e dotes materiais é questionado por Sócrates acerca do seu despreparo,

pois se não sabe cuidar de si mesmo (ocupar-se de si), como pretende cuidar dos outros (ocupar-se dos outros)? Interligam-se desta forma o princípio ético de um cuidar de si com o político de cuidar dos outros.

A *sophrosine* é uma virtude que resulta do exercício do autodomínio que implica liberdade e ascese para a verdade. Esta forma ativa de domínio de si tinha como objetivo, governar desejos e prazeres para alcançar a liberdade e o conhecimento. A grande imoralidade é ser escravo das paixões, não poder ascender à força que se deve exercer sobre si mesmo, em sua plena liberdade, permitindo o exercício de poder sobre o outro. Liberdade de poder que se exercia sobre si, e poder que se exercia sobre os outros. O cuidado de si era a condição para não se tornar escravo dos seus desejos, sendo, portanto a própria liberdade individual. A liberdade individual foi problematizada pelos gregos como ética (*ethos*), sendo também uma tarefa política.

Os gregos não tinham um código de ética preso a qualquer tipo de estrutura institucional ou mesmo a influência da religião não se fazia presente. De forma que estavam preocupados com as suas condutas pessoais. Por exemplo, não havia leis de cunho moral contra as possíveis más condutas sexuais em grande quantidade e também estas não eram impostas. Os gregos pretendiam dar um estilo à vida deles, utilizando técnicas para estilizar sua conduta, realizando um constante trabalho sobre si mesmos e uma constante reflexão sobre esse mesmo trabalho, o qual envolvia os outros e a verdade: sua ética era fundamentalmente uma *estética do eu*. O valor moral do domínio de si é também um valor estético. A liberdade manifesta a vida como obra de arte. Uma estética da existência. Trata-se de uma estilização, isto é, do exercício de uma liberdade em que não se obedece a padrões ou ditames. Trata-se de um saber/fazer iluminado pela verdade que conduz à bela vida. Com o cristianismo, progressivamente uma mudança em relação às morais antigas, que apresentavam um estilo estético e ético de liberdade.

A procura de uma ética da existência era na Antiguidade, um esforço para afirmar a própria liberdade e dar a sua própria vida na qual podia se reconhecer e ser reconhecido por outros. Como esta questão se encontra, caso se encontre, inserida em nossa modernidade?

A Modernidade e a Estética da existência como atitude da modernidade.

F. Ewald ressalta que nos textos *O uso dos prazeres* e *O Cuidado de si*, Foucault passa da problemática do governo dos outros à do governo de si mesmo. A sua análise indica o modo como o indivíduo se constitui como um sujeito livre com relação a códigos e interdições, de acordo com os procedimentos de subjetivação que são os da ética da estética da existência (Ewald, 1984, p.72-73). Ao se destacar esta estética da existência onde o cuidado de si se manifesta como essencial para os gregos, Foucault afirma que o tema do retorno ao si nunca dominou entre nós como aconteceu na época dos gregos (Foucault, 2004, p. 305). Tal fato talvez possa ser explicado, que com o cristianismo, passou-se de uma moral que era essencialmente uma busca de uma ética com sentido estético de construção pessoal, isto é, sem obediência às regras rígidas e gerais, passando a uma moral como obediência a um sistema de regras.¹

Em nossa atualidade destaca-se uma conexão bastante interessante entre o cuidado de si e o cuidado do outro, na medida em que Foucault chega ao cuidado de si como uma espécie de prolongamento do conceito de *governamentalidade* (Foucault, 1997a, p.33).

¹ Foucault confronta dois tipos de morais completamente diferentes, destacando que a moral cristã abandona completamente a preocupação com uma estética da existência como cuidado de si.

Creio que aqui surge a problemática moderna do “governo” no seu sentido mais amplo de “conduta” ou no ato de “conduzir” os outros e o modo de comportamento num campo mais ou menos aberto de possibilidades, permitindo a Foucault retomar a sua análise das relações de poder em termos de ação. O que define as relações de poder é um *modo de ação*: não se trata propriamente de um modo de ação que é exercido diretamente ou imediatamente sobre pessoas, mas de um modo de ação que é exercido sobre um ou mais sujeitos agentes na medida em que eles agem ou podem agir, isto é, uma ação sobre ações. Ao definir agora o exercício do poder como *um modo de ação sobre as ações de sujeitos agentes*, Foucault inclui, nessa definição de uma relação de poder, um elemento que ele considera importante - a *liberdade*. O poder, diz ele, só se exerce sobre sujeitos livres e na medida em que são livres. E por *sujeitos livres*, ele entende aqui “sujeitos individuais ou coletivos que têm frente a eles um campo de possibilidade onde várias condutas, várias reações e diversos modos de comportamento podem ocorrer” (Foucault, 1997b, p.237). O modo de relação próprio ao poder deveria então ser buscado do lado desse modo de ação singular que é o *governo*, no seu sentido amplo de “conduta”. Desta forma, resgata-se um pouco da concepção de arte de viver, na busca de uma estética da existência, onde o indivíduo se constrói como sujeito livre que se governa, sem se deixar governar. Foucault desenvolve sua análise da *atitude da modernidade*, onde a invenção de si configura-se como uma das características dessa atitude: a modernidade aqui representa não apenas a noção de momento presente, mas principalmente a relação do indivíduo com si mesmo, na medida em que ter uma atitude de modernidade não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e difícil: o que Baudelaire chama, de acordo com o vocabulário da época, de ‘dandismo’.

A atitude moderna de uma estética da existência, ao mesmo tempo se localiza fora de uma moral de regras de obediência e do assujeitamento do poder e precisa novamente caracterizar a relação que nós mantemos com o nosso próprio momento presente na busca de criarmos nossa liberdade. Assim sendo, necessitamos compreender o tema de uma *estética da existência* como produção *inventiva de si*, o que significa dizer um não retorno à figura do sujeito soberano, fundador e universal, nem a um abandono do campo político. Afinal, na medida em que se identifica como uma prática ética de produção de subjetividade, uma estética da existência torna-se também, uma atitude eminentemente política, como forma de resistência à normalização e criação de sentidos de liberdade. Sendo assim haveria uma *agonística* permanente entre o poder e a liberdade. Esta questão parece ser o motivo pelo qual Foucault faz um encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de cuidado de si. Isto porque a governamentalidade em nossa atualidade implica em uma biopolítica que gere a vida não apenas dos indivíduos em coletivo (população), mas também gerir as estratégias que os indivíduos praticam com si mesmos e com outros. Parece surgir uma hipótese: estaria nosso autor interessado em investigar que no mundo antigo o cuidado (governo de si) com si mesmo e o cuidado com o outro (governo dos outros) inscreviam-se num momento de práticas de liberdade. Ao contrário, do que acontece em nossa contemporaneidade, onde o cuidado de si passa a ser um exercício de poderes disciplinares e o cuidado com outro passa a ser governamentalidade? Nossa questão com relação a esta hipótese torna-se a seguinte: toda esta genealogia da problematização ética se articulando a ontologia crítica do momento histórico presente, se configura como uma crítica da nossa razão governamental moderna? Será que ao realizar um deslocamento histórico, para observar a possibilidade de constituir-se como sujeito de outro modo, sem os mecanismos de poder, é possível pensar em nosso presente uma

Estética da Existência como construção e reconstrução da liberdade? A partir da perspectiva de Foucault, o indivíduo não pode mudar seu modo de ser sem modificar simultaneamente as relações consigo mesmo e as relações com os outros. Esta elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, estava ao centro da experiência moral, da vontade moral na Antigüidade.

Concorda-se então que a construção da liberdade seja objeto de uma construção que em certa medida contrasta como uma resistência contra boa parte do pensamento estabelecido e vigente que serve de base de consenso assujeitador, tanto para as opiniões quanto para a ação individual e coletiva. Como afirma o filósofo ao relacionar a problemática do governo de si mesmo com a de governar os outros a liberdade “na sua forma plena e positiva é poder que se exerce sobre si, no poder que se exerce sobre outros; quem deve comandar os outros é aquele que deve ser capaz de exercer uma autoridade perfeita sobre si mesmo” (Foucault, 1995, p. 75). Estamos condicionados a pensar a liberdade como um direito, como algo que temos ou não. A liberdade no sentido de uma arte de construção de estilo de vida configura-se como um processo complexo, engendrado pela reflexão e a atitude. O objeto ao qual se aplicam a reflexão, a prática e a atitude é o sujeito: nós mesmos enquanto seres historicamente determinados, em parte por relações de poder-saber, mas, ao mesmo tempo, sujeitos as transformações, capazes de enfraquecer as fronteiras, os limites que nos constituem por meio de um trabalho sobre nós mesmos, em exercício prático-crítico e estético. O que se pode dizer do sujeito - uma vez colocando-o em um marco ético e político e estético - é que, ele se constitui segundo alguns limites contingentes que, em sua contingência, enunciam sua possibilidade de transformação de sua forma de viver. O pensamento de Foucault acaba alcançando um *ethos*, entendido como conjunção de atitude e exercício: um modo de relação com respeito à atualidade, escolha voluntária de uma forma de ser

ou tipo de relação consigo mesmo e com os outros. Esse *ethos* filosófico que "consiste em uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos, através de uma ontologia histórica do presente de nós mesmos" (Foucault, 1997a, p. 577). Trata-se então de saber o que há de singular, contingente e arbitrário naquilo que nos tem sido legado como universal, necessário e obrigatório: "precisamos, em suma, transformar a crítica exercida sob a forma de limitação necessária em uma crítica prática sob a forma de transgressão possível" (Foucault, 1997a, p. 578). Empreender lutas questionadoras contra o *estatuto do indivíduo*, afirmando o direito à diferença e acentuando tudo o que pode tornar os indivíduos verdadeiramente individuais. São lutas, portanto, que valorizam as estilizações da existência dos sujeitos que criam e recriam sempre suas liberdades "contra as formas de sujeição-contrasubmissão da subjetividade" (Foucault 1994a, p. 226-228). Para isso é preciso empreender uma análise, não de estruturas formais com valor universal, mas dos conjuntos de práticas históricas que nos conduziram a nos reconhecermos como sujeitos de nossos pensamentos e ações. Significa dizer que a liberdade se torna uma espécie de tarefa dos sujeitos racionais e livres, sempre agindo para reconstruir esta liberdade, como numa espécie de eterno recomeço criativo de libertação.²

Conclusão

O estudo da ontologia do presente de nós mesmos – nos indica nossa constituição "como sujeitos que exercem e sofrem relações de poder, como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações" (Foucault, 1997b, p.350).

² Uma estética da existência de reconstrução ativa da liberdade contra as formas de normalização das técnicas e estratégias da governamentalidade.

Essa ontologia tem que ser considerada como um *ethos*. Como afirma Foucault “uma vida filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua transgressão possível, sendo a liberdade simultaneamente a sua condição, objeto e objetivo”. Para essa filosofia entendida como prática, o presente é contingência que nos configura e também possibilidade de transgressão. Para essa filosofia, o trabalho do cuidado do indivíduo sobre ele mesmo, transforma suas relações com os outros e com a verdade – é um exercício de liberdade que transgride os limites da contingência. São exercícios por meio dos quais os indivíduos se desprendem de si, convencidos de que no presente existem mais liberdades possíveis.

Ao problematizar a ética grega, Foucault consegue interrogar e captar o que seria singular naquele momento histórico: a problematização ética entre os antigos realizava-se em domínios da vida onde imperava a liberdade. Uma liberdade de decisão e escolha. Na Antigüidade clássica o valor moral do domínio de si é também um valor estético. A liberdade manifesta a vida como obra. O regime físico dos prazeres e a economia que se lhes impõe faz parte da arte de si. É no domínio de si que o sujeito mostra-se em relação a si mesmo. O sujeito de desejo quando tem domínio de si, desenvolve uma arte da existência, determinada pelo cuidado de si. As *tekhnai*, ou artes da existência são referências para as análises que demarcam uma linha entre a razão e o saber, onde esta o domínio da ética como uma invenção estética de si. Segundo o autor, a liberdade neste sentido “não seria uma possibilidade ética entre outras, mas a possibilidade mesma da ética” (Fonseca, 1994, p.114).

Concordando com a proposta de Foucault, a tarefa da filosofia é propiciar um tipo de relação do indivíduo consigo mesmo, permitindo rechaçar e denunciar a pressuposta universalidade de todo o fundamento, evitando que as relações de poder se

cristalizem em estados de dominação. Esta se constitua sem recorrer a uma verdade interior, dada diante mão ao conhecimento e à experiência e arraigada em uma profundidade íntima e inacessível. Trata-se de colocar o sujeito no centro da reflexão, mas um sujeito liberado dos atributos que lhe foram dados pelo saber moderno, pelo poder disciplinar e normalizador. Deste modo, o *ethos* filosófico foucaultiano insinua-se, como uma abertura, na qual é possível seguir pensando de modo crítico, pensando de outros modos, com um objetivo: construir a liberdade. Podemos concluir então que o projeto de uma ontologia crítica de nosso presente não se dissocia da idéia de uma análise que toma como ponto inicial as formas de resistência contra diferentes tipos de poder.

Bibliografia :

EWALD, François. Michel Foucault. In: ESCOBAR, Carlos H. Michel Foucault - *O Dossier* – últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1984.

FONSECA, Márcio A. *O problema da Constituição do sujeito em Foucault*. Mimeo: São Paulo, 1994.

FOUCAULT, M. *O Que é o Iluminismo?* In: Escobar, Carlos Henrique (org.) Michel Foucault – o Dossier – últimas entrevistas, 1984.

_____. *História da sexualidade II* – O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1994a.

_____. *História da Sexualidade III* – O cuidado de Si. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1994b.

_____. *Dits et Écrits*, Vol. III. Paris: Gallimard, 1997a.

_____. *Dits et Ecrits*, Vol. IV. Paris : Gallimard, 1997b.

_____. *Sobre a genealogia da ética*. Uma revisão do trabalho. In: Rabinow, Paul; Dreyfus, Hubert. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.



Volume III – novembro de 2008 - <http://www.revistaexagium.com>